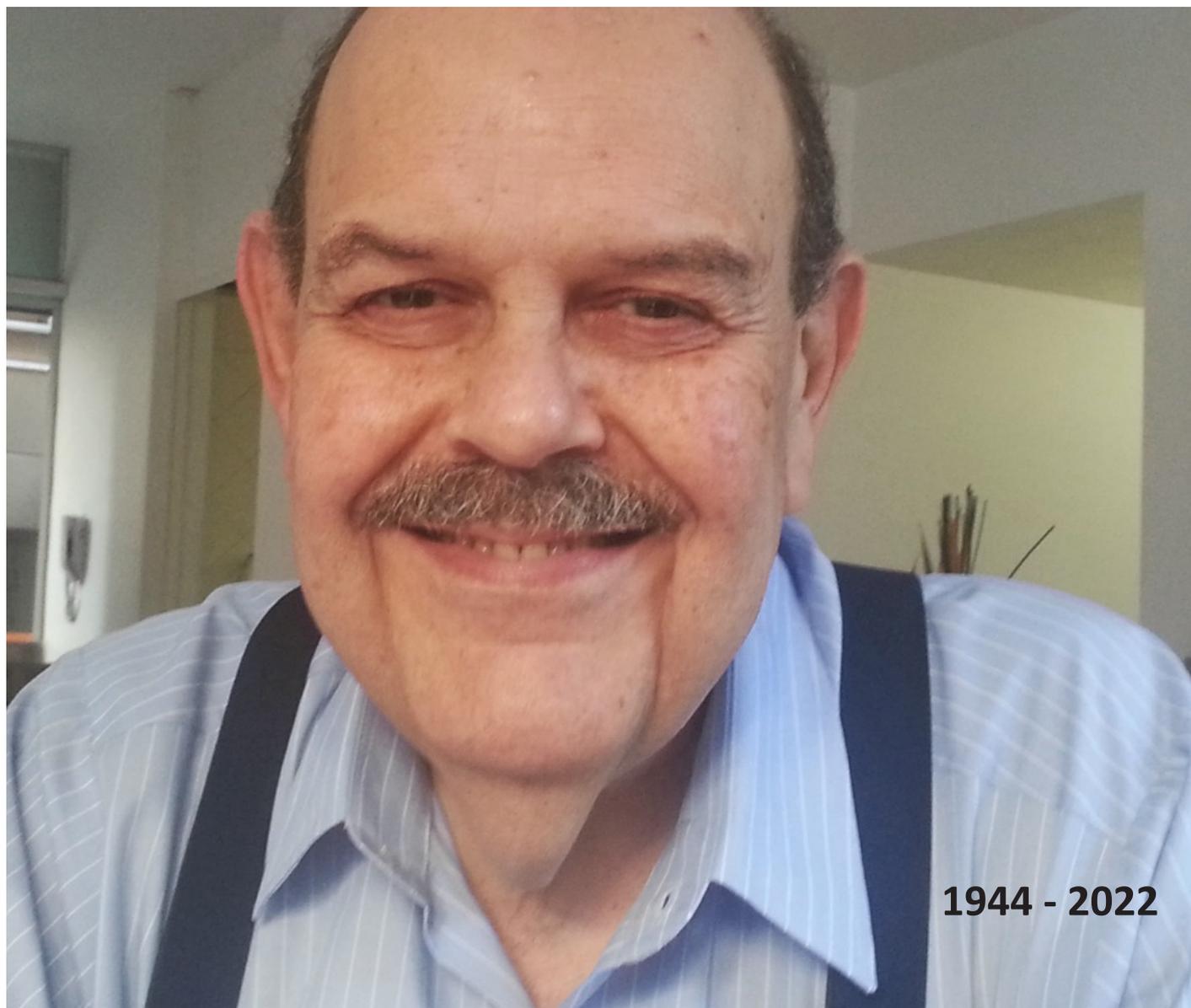




jt sempre

Número 89 - 26 de dezembro de 2022

Carlinhos



1944 - 2022

Brickmann

mariomarinho@uol.com.br

O doce agitador

MÁRIO MARINHO

Eu tomei um susto tremendo quando vi aquele cara grandão correndo atrás de outro jovem magrinho.

Como estávamos em 1968 e eu recém-chegado, pensei até na possibilidade de uma ação repressiva policial que havia invadido a pequena e aconchegante redação do Jornal da Tarde no 5º andar da Rua Major Quedinho, 28.

Perguntei o que estava acontecendo e fiquei sabendo que o grandalhão era um tal de Carlos Brickmann tentando morder a orelha do magrinho, o mineiro Ramón Garcia y Garcia.

Por isso, não me espantei na outra ocasião em que vi os dois correndo. Só que desta vez, Ramón Garcia y Garcia estava armado de um extintor de incêndio e tentava acertar o pó branco na bunda do Carlinhos que fugia com muita agilidade.

Mas já não me espantei tanto quando o Marco Antônio Menezes, a Meg, subia em uma das mesas, fazia pose de bailarina e entoava o cântico-propaganda de uma ação do Exército fortemente divulgada na televisão: “ExpoEx, Exposição do Exército”, cantava a Meg com trejeitos de Carmem Miranda.

Assim, era o JT.

No meio de todas aquelas brincadeiras, fazíamos um jornal sério e inovador.

Tão sério e inovador que até hoje é lembrado com saudade e respeito.

O Carlinhos Brickmann fez parte da primeira equipe do JT, montada pelo Murilo Felizberto.

As suas brincadeiras e inocentes maldades divertiam a todos nós.

O Carlinhos se foi, assim como o JT.

E, como o JT, será venerado e já é saudade.

Nas páginas seguintes, homenagens dos muitos amigos nesse veículo, o “JT Sempre” criado exatamente para preservar a memória do Jornal da Tarde e de quem teve a subida honra de passar por sua redação.

jt sempre

O jt Sempre é uma publicação com um único objetivo: manter viva a memória do Jornal da Tarde.

É, acredito, a melhor forma de nos manter em contato, trocar informações, promover encontros para o papo agradável de sempre.

Você pode participar.

Mande sugestão, artigo, matéria, foto, histórias para mariomarinho@uol.com.br

No campo “Assunto”, coloque: “JT Sempre”.

Responsável: Mário Marinho.

O Papai do Carlinhos

CARLOS BRICKMANN

Papai era muito teimoso. Delegado da Saúde em São Paulo, teve um infarto, na época em que o tratamento recomendado era ficar de cama, em sossego.

Rapidamente, quis receber os jornais do dia, inclusive o Diário Oficial. Os médicos acabaram deixando, porque ficar sem saber o que acontecia o fazia piorar. Em seguida, convocou reuniões matinais da Delegacia da Saúde em seu quarto, porque queria continuar trabalhando, sentia-se apto para isso e não achava correto receber os vencimentos em licença-saúde, quando queria trabalhar.

Papai não se incomodava com os que os outros diziam. Era funcionário público, e optou por regime integral. Nas horas vagas, atendia clientes em nossa casa e a domicílio. Mas não cobrava, porque recebia os vencimentos por trabalho em tempo integral. Cansaram de explicar-lhe que tempo integral significava um determinado número de horas por dia, e que, fora do período de trabalho, o que fizesse era por sua conta – ou seja, podia cobrar consultas. Nunca concordou com isso: tempo integral para ele significava tempo integral, e ele continuava sendo médico fosse ou não horário de folga. E, se o paciente não tivesse como comprar os remédios necessários, ele pedia amostras grátis aos

laboratórios e as levava para o cliente.

Papai, entretanto, não recusava certos mimos. Quando era médico na Santa Casa de Franca, por exemplo, uma senhora vinha de vez em quando à janela para vê-lo trabalhar. Quando os olhares se cruzavam, ele fazia um sinal: polegar e indicador bem abertos, água gelada. Polegar e indicador pouco abertos, cafezinho. Papai hoje é nome de rua em Franca: rua Dr. José Brickmann (tenho certeza de que preferiria rua Zezinho Brickmann). Quanto à senhora que lhe levava água gelada, limonada ou cafezinho, hoje é parte da família: sua filha casou-se com meu primo.

Papai não queria os filhos adolescentes soltos por aí. Nossa casa virou o ponto de bailes da garotada – sempre aberta, sempre acolhedora e, hoje sabemos, sempre sob sua vigilância. Os bailes começavam no fim da tarde e, às dez da noite, ele desligava o som, sentava-se ao piano e fazia uma meia hora de sessão nostalgia (foi assim que me familiarizei com músicas bem antigas).

E, quando fechava o piano, estava encerrado o bailinho.

Papai, ao que me lembre, nunca veio me ditar normas de comportamento. Ele me ensinou tudo sem palavras. Apenas pelo exemplo.

Este texto foi publicado pelo Carlinhos, em sua página no facebook em homenagem ao Dia dos Pais de 2022



Ao lado com a Berta, companheira desde o casamento em 1º de julho de 1972

Perdemos Carlinhos Brick

MARLI GONÇALVES

Carlos Brickmann nos deixou. Me deixou. Amigo há 45 anos, e com quem trabalho há 30 anos, vocês conseguem imaginar como estou me sentindo? De antemão, aviso: este texto será todo em primeira pessoa. Sou eu que estou falando dele, da dor de sua perda, de um tudo que significou para mim e para a história da imprensa nacional. Afinal, convenhamos: 30 anos dos quais 27 em convivência diária não é para qualquer um. Tocávamos de ouvido, como se fala em orquestras; à distância; perto, por um olhar, uma sacudida de cabeça, uma “dormida” em pé rápida que dava quando fechava por instantes os olhos matreiros, eu podia com toda a certeza acertar o que estava pensando. Era difícil um dia em que eu não aprendesse algo, daquelas coisas que só ele sabia, lembrava, ou mesmo tinha acompanhado ou estado lá nos seus 59 anos de profissão, vejam só que beleza! Não era bom fisionomista, mas era capaz de lembrar em detalhes cada frase sussurrada ao seu ouvido tenha sido por Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Jânio, Montoro, Quércia, Paulo Maluf, Kassab, uns ou qualquer outro político com o qual tenha estado. Todos o respeitavam e admiravam muito suas observações – um ás da comunicação e marketing político de campanhas. Fato é que – daquelas formas idiotas dos burros pensarem, se é que pensam – pregaram nele um adjetivo, “malufista”. Ah, mas não era mesmo! Era apenas um vitorioso, para vocês verem que naquela época ele conseguiu melhorar até a imagem do Paulo Maluf, e isso não é pouco. Carlinhos era um profissional como muitos poucos, destes que a gente anda procurando sem encontrar, como agulha no palheiro. Dava de ombros ao ouvir isso, ser

chamado, xingado, de malufista. Mas eu digo que por conta dessa pecha perdeu amigos (se bem que amigos não deviam ser) e clientes. Uns não o contratavam porque seria malufista; outros, os mais malufistas, digamos assim, não o contratavam porque seria amigo do “chefe”, não queriam desagradá-lo.

Bobagem. Entre as amizades, a gama do arco do pensamento democrático, políticos de quem espero lhe rendam devidas homenagens. José Dirceu, Genoíno, outros muitos do PT e partidos de esquerda; Haroldo Lima, que perdemos com covid, do PC do B, o adorava, impressionado sempre com a firmeza de suas críticas. Lula, não, que ele nunca foi muito chegado. Implicava mesmo - e aí tínhamos um divertido embate, porque nunca descobri exatamente por causa do quê – era com a Luiza Erundina, com quem eu tenho forte amizade e calorosa consideração (sou Marlizinha para ela, desde que fui a primeira jornalista a entrevistá-la quando eleita vereadora, seu primeiro cargo público, há 40 anos atrás). Carlinhos enfrentou generais na ditadura, despistou policiais e protegeu perseguidos políticos, buscou justiça pelo primo Chael, assassinado torturado. Gostava demais de lembrar que da montanha de processos que enfrentou com as verdades de suas colunas nos principais jornais, nunca foi o PT a lhe processar. Já o PSDB... E vou dizer mais: político esperto não gostaria de estar no alvo dele, que o diga um certo secretário de segurança de grande queixo com quem duelou por meses. Carlinhos adorava o chamar de gordo, queixudo, e o que mais lembrasse, acreditem. Um dia os vi se esbarrarem pessoalmente em Brasília no saguão de um hotel. O queixudo ameaçador ficou quietinho, baixou o olhar, leãozinho amansado, rabo



entre as pernas.

Nosso Carlinhos sempre disse que, como gordo e feio que era, podia falar isso quanto quisesse de outro gordo e feio. Eita humor refinado, ardido! Sabiam que Carlinhos trabalhou com o Faustão, logo ali no começo dele na tevê? Escrevia para o programa. Gostava de contar uma piada, construir uma frase, definir alguém por algum detalhe que acabava virando até código entre nós – olha, que politicamente correto ele não era mesmo. Piadas de judeu, de gordo, de velho, com sexo ou não, uma coleção. Histórias divertidas

de jornalistas e suas trapalhadas, inclusive as amorosas, uma atrás da outra. Sua passagem foi marcante em todas as grandes redações: Folha de S. Paulo, onde pela primeira vez chegou com 19 anos, Jornal do Brasil, Estadão, Jornal da Tarde (foi um dos fundadores), Revista Visão, Folha da Tarde (Toninho Malvadeza!), Folha de S. Paulo novamente (foram três vezes por lá). Em 92 fundou a Brickmann, hoje Brickmann & Associados, B&A Ideias, para a qual colaborei desde 1993 até ir para lá em 1996 e ficar até hoje. Juntos, também criamos em 2015 o site Chumbo Gordo, que farei

de um tudo para honrar, continuar reunindo o melhor do pensamento, os amigos, aberto à democracia. Quantos trabalhos maravilhosos fizemos juntos! Como gostávamos de uma encrenca boa, gerenciar grandes crises, acompanhar uma CPI, defender nossos clientes com provas diante da opinião pública. Trabalho esse hoje cada vez mais escasso porque depende de quem tenha reputação a zelar, alguma explicação a dar para se defender. E nunca parou de escrever suas colunas fantásticas, duas vezes por semana, para o nosso Diário do Grande ABC e repicado em nosso site e em jornais de sites de todo o país. Foi durante muito tempo também um crítico da imprensa em coluna especial no Observatório da Imprensa, de Alberto Dines. Parecia prever a caminhada da imprensa e da profissão para o buraco em que está hoje, repleta de desinteligentes, jovens talentos de um talvez futuro, pouca afeição aos mais velhos. Mas a sua história está e ficará para sempre registrada em todas essas páginas, muitas das primeiras páginas, capas, em grandes reportagens, nas colunas que acompanharam o tempo e as mudanças em círculo de nossa nação. Textos perfeitos, duros, irônicos. Muito trabalho, sem esquecer as participações em tevês, debates, e o amor ao rádio (há anos participava religiosamente do programa Showtime, com João Alckmin, de São José dos Campos). Nunca deixou um amigo na mão, sem cobrar um centavo. Era só pedir. Entrevistas para teses, livros de amigos, sinopses de filmes sobre o Brasil. Autodidata, culto, leitor voraz. Posso garantir ainda o quanto nos últimos tempos odiou profundamente tudo o que Bolsonaro e sua gente aprontou nesse governo que ele, pessoalmente, considerava de inclinação nazista, para vocês verem o que observava das tramoias que enfrentamos. O descaso com a Saúde, a Economia na mão do poste Ipiranga, o desmonte das áreas de Cultura e social, o descaso com a verdade, o violento incentivo ao armamento. Carlinhos era da paz. Mas preciso voltar mais a falar do

Carlinhos mench, em ídiche, gente, “alguém para admirar e imitar, alguém de caráter nobre. A chave para ser ‘um verdadeiro Mensch’ é nada menos que caráter, retidão, dignidade, um senso do que é certo, responsável, decoroso”, ensina o Wikipedia. Nossos escritórios sempre em casas de vilas prazerosas onde desde sempre criávamos gatos e gatas, que inclusive chegaram na porta e ali passaram a morar. Morphy, Mel, Princesa... Na sua casa, o amado Vampeta, o negro de olhos amarelos, irmão da minha Vesgulha Love. Sempre tivemos bichos irmãos. Minha husky Morgana era irmã do Lobo. Carlinhos deixa órfãos, além dos filhos Rafael e Esther, os gatos, a branquinha Jade, que deu à esposa Berta, o Léio, o Chumbinho, a Laila. De um ano para cá a perda de Vampeta e da Mel o deixaram especialmente deprimido. Não posso deixar de registrar que Carlinhos era corintiano roxo. Que Seleção, que nada! Futebol era Corinthians, sem mais conversas. Adorava mangar dos “porcos”, palmeirenses, e dos são-paulinos, salto alto, etc, etc... Times cariocas, ignorados, todos. Daí, claro, o corintiano gato Vampeta. Telefone. Difícil encontrar alguém que gostasse mais do que ele de falar ao telefone, claro que se não fosse no horário do jogo do Timão – e a gente ao ouvir tocar e assim que ouvia sua voz já se preparava para no mínimo uma hora de variada e divertida conversa. Vai ter um monte de amigos lembrando disso também. No telefone, enquanto falava, jogava paciência no computador, o único jogo a que se dedicou, se distraía assim, pensando no tema da coluna, quando dava uma parada. Computador que, aliás, foi ele quem me apresentou à esta tecnologia e ensinou a usar pela primeira vez, aqueles ainda do sistema DOS, de letras verdes. Tristeza é não escutar mais a sua voz cheia de planos mesmo lá no hospital, logo que deu a primeira melhorada. “Marlizoca...” Na recaída não ouvi mais esse chamado; não ouvirei. Como pode uma perda desse tamanho? Alguém com tantas dimensões na vida de tantas pessoas?

*Carlinhos,
José Maria
Mayrinki,
Moisés
Rabinovici
e Napoleão
Saboia,
Encontro
do JT, 2016,
Cantina
Giggio.*



Ah!, se for para escrever sobre ele! Muita coisa divertida também. Os mais próximos bem sabem as duas coisas que odiava, o-di-ava. Bacalhau. Palmito (achava que era crime de lesa humanidade). Em compensação, amava abacaxi. Mas que não viessem com nenhuma rodelinha branquela, desmilinguida, que ele fechava o tempo, senhores e senhoras. Até com o garçom, nas poucas vezes que o vi muito bravo. Tinha de ser amarelinho, lindo, daqueles que só se encontra lá pelos lados de Brodowski, perto da sua amada Franca, outra de suas grandes honras. Dividia São Paulo em Capital e “Grande Franca” no seu mapa particular. Ai de quem não reconhecesse isso, e os doces de lá – chegou a escrever colunas para o Jornal de Franca apenas em troca que lhe mandassem os doces e que quando não chegavam, reclamava o pagamento.

Vou parar agora, que está difícil demais conter as lágrimas. Quem agora vai me chamar de Marlizoca? Marli “Gançalves”? Definida por ele, sempre, como o cinto mais largo da imprensa brasileira por conta do meu hábito de usar atrevidas mini saias nos tempos do Jornal da Tarde, nos anos 80, onde infelizmente não cheguei a trabalhar com ele, nessa época já na Folha.

Galanteador, ah, jogava charme mesmo para cima das moças, mas isso vou manter entre nós as que assisti. Mulher feia? Não existia. “Não só não existe, como até já paguei por algumas”, brincava,

maroto. Quantas confidências. Quantas coisas ele também sabia da minha vidinha, sempre apoiando minhas escapadas para encontros fortuitos em algumas tardes. Chega.

Tem uma coisa nessas lembranças e brincadeiras todas que agora vira terrível realidade. Qualquer coisa que ele tinha, tipo sei lá uma dor aqui ou ali, fazia um drama teatral e falava para eu já chamar a Chevra Kadisha, desde 1923 a instituição responsável pela administração e sepultamentos dos cemitérios israelitas do Estado de São Paulo e que oferece serviço funerário religioso para a comunidade judaica.

Sabem? - nesse momento em que escrevo, por incrível que pareça e nem sei como estou conseguindo, o coração de Carlinhos ainda bate, fraquinho, lá no hospital, nos seus últimos momentos de vida, anunciado no fim e desenganado pelos médicos aguardando o apagar de seu corpo na frieza de uma UTI. Será uma questão de horas. Amargas e incontáveis horas, depois de semanas de sofrimento e perdas no leito do hospital. E a Chevra Kadisha, então, será chamada. Perdemos Carlinhos Brickmann. Eu perdi. O CB. Um irmão. Um amigo fiel. Com ele, se vai mais um pedaço, quase uma vida, e de minha própria história.

17 de dezembro de 2022

p.s.: Acabo de saber que você se foi, às 17h30, enquanto eu escrevia totalmente ligada em você.

Deu no Estadão

GABRIEL MANZANO FILHO
E ROLF KUNTZ

O Estado de S. Paulo, 19-12-2022

Foi enterrado na tarde de domingo, no Cemitério Israelita do Butantã, em São Paulo, o corpo do jornalista Carlos Ernâni Brickmann, morto aos 78 anos no sábado. Vítima de falência múltipla de órgãos, ele estava internado no Hospital Sírio-Libanês havia 3 meses, tratando vários problemas de saúde.

Figura reconhecida e admirada como repórter, editor, diretor de jornalismo – e, por todos os lados, como um colecionador de amigos –, Carlinhos, como era conhecido, deixa a mulher, Berta, e os filhos Rafael e Esther.

Ele deixa também o site noticioso Chumbo Gordo, que criou em 2015 e no qual trabalhou até recentemente, como analista político, ao lado de Marli Gonçalves.

Ali, mostrou até o fim seu espírito crítico, sua memória gigantesca para grandes e pequenas coisas, sua ironia, a apuração competente e seu marcante bom humor.

O Brasil ainda era presidido por João Goulart, em 1962, quando Brickmann começou sua carreira, na Folha de S. Paulo – onde ele foi o mais jovem editor de Internacional. Em 1966, depois de breves passagens pela sucursal paulista do Jornal do Brasil e pela editoria de Esportes do Estadão, destacou-se na primeira equipe do Jornal da Tarde, que revolucionou a imprensa brasileira – pelo conteúdo, pela forma, pelos furos, pelos prêmios.

Entre estes, os prêmios Esso de 1966, 1967, 1968 e 1974, dos quais o então jovem editor participou diretamente.

Nas seis décadas em que passou mergulhado na vida política e econômica brasileira, Carlinhos alternou funções de repórter, editor e diretor em várias redações, como as da Folha da Tarde, editora Bloch, Visão e TV Bandeirantes, na qual dirigiu o telejornalismo e ganhou um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, a APCA.

Em 1993, ele abriu sua própria empresa, a Brickmann & Associados, pela qual foi atuar como assessor de políticos como Paulo Maluf e Nion Albernaz, além de dirigir a comunicação social da antiga Vasp. Na época, sua coluna, BBNNews chegou a ser divulgada por 40 jornais de País.

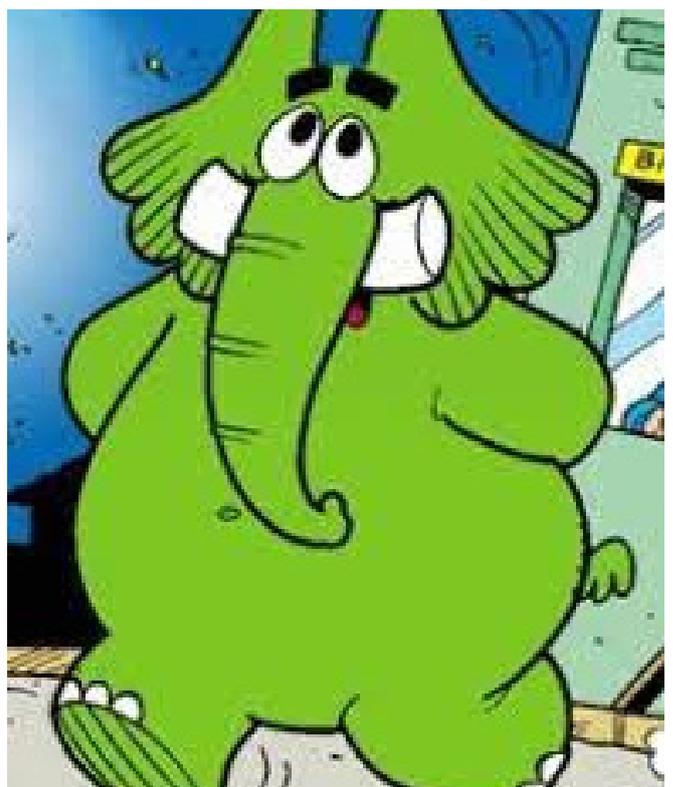
Tendo trabalhado ao lado dele nas últimas três décadas, a jornalista Marli Gonçalves diz que Brickmann “deve ser lembrado eternamente como defensor da imprensa livre e do pensamento democrático”. Ele foi, acrescenta, “um eterno gigante gentil que unia a inteligência ao humor, a precisão e uma memória ímpar e implacável”.

Outro grande amigo, o jornalista e executivo Miguel Jorge – ex-editor-chefe do Estadão e ex-ministro da Indústria e Comércio conta que Carlinhos “tinha

um coração do tamanho do mundo e ajudava todos, especialmente os focas (jargão para jornalistas iniciantes): “Sentiremos muita falta de sua verve, de suas ironias e de tudo o que o fez um grande amigo, um ótimo caráter e um excepcional jornalista”.

“Talentoso e criativo, o inquieto Carlinhos era uma referência de qualidade na redação. Essa é a lembrança que guardo e guardarei do amigo e colega que perdemos. Que o jornalismo do Brasil perdeu. Fica o exemplo”, disse Fernando Mitre, diretor nacional de jornalismo da Tv Bandeirantes – que com ele trabalhou, no JT.

A biografia profissional de Carlos Brickmann proporcionaria material a um bom manual de jornalismo, com excelentes capítulos sobre reportagem, avaliação de conteúdo, edição e qualidade de texto. Mas seria também uma história divertida, cheia do humor e da boa disposição de uma figura tão rigorosa em seus padrões pessoais quanto compreensiva e generosa. O nome da coluna mantida nos últimos anos, Chumbo Gordo, é uma demonstração desse bom espírito. Carlinhos nunca reagiu mal à sua imagem de grandalhão gordo. Achou graça quando Maurício de Souza introduziu em seus quadrinhos um elefante chamado Ernâni – uma homenagem divertida a Carlos Ernâni Brickmann, um sujeito, afinal, grande por fora e ainda maior por dentro.



Nosso tipo inesquecível

HUMBERTO WERNECK

Revista Goodyear [1988]

Quando foi convidado para trabalhar no Jornal da Tarde, de São Paulo, aos 21 anos de idade, o estudante de letras Carlos Ernani Brickmann achou que era hora de fazer o balanço de suas aptidões profissionais. Deu-se conta então de que sabia inglês, mas não o bastante para se tornar tradutor; batia à máquina, mas não tão bem que pudesse ser considerado datilógrafo; sabia, enfim, fazer um pouco de tudo – e ao mesmo tempo não sabia nada. Se era assim, perguntou-se, por que não assumir de vez o jornalismo, profissão na qual pusera um pé aos 18 anos? Acertada decisão: hoje, aos 43, Carlinhos, como é chamado, exibe uma das mais indiscutíveis reputações de bom profissional na imprensa de São Paulo. De quebra, acumula a fama de ser o jornalista mais irreverente da praça.

Impossível cruzar com ele sem gravar na lembrança a sua figura rechonchuda, acondicionada em 1,90 metro de bom humor, inteligência e vitalidade. Com seus 20 anos de Carlos Brickmann, o jornalista Ricardo Setti, diretor do Jornal do Brasil em São Paulo, acha que haveria pouca gente mais talhada para a seção “Meu Tipo Inesquecível” da revista Seleções. “Ele deve ser ‘meu tipo inesquecível’ de umas mil pessoas”, supõe Setti. Ruy Mesquita, diretor do Jornal da Tarde e seu padrinho de casamento, está seguro de que “Carlinhos, como jornalista e como ser humano, vale quanto pesa”. Nem o próprio Carlinhos saberia reduzir isso a números, pois faz tempo que não sobe numa balança – para que não lhe venham lembrar que precisa emagrecer, explica. Sua mãe, dona Elvira, conta que uma das primeiras frases do pequeno Carlos Ernani foi “o que nós vamos comer?”. Sua mulher, Berta, garante que “Caco” não é glutão e que até será capaz de se levantar da mesa em jejum, se o cardápio for bacalhau, palmito e rabanete. “Já mousse de chocolate...”, ela suspira.

Desde 1984, Carlos vem aplicando seus vários talentos numa tarefa que, no princípio, tinha a urgência de uma desesperada respiração boca-a-boca: reerguer a então desprestigiada Folha da Tarde, que estava em queda livre. Sucesso absoluto. Quatro anos mais tarde, não apenas a tiragem triplicou (está em torno dos 130 mil exemplares diários) como o velho jornal exibe cara rejuvenescida, graças a cirurgias por vezes radicais. Logo no primeiro dia, o editor-responsável Adilson

Laranjeira e o editor-chefe Carlos Brickmann, uma dupla até fisicamente da pesada, implodiram nada menos de 32 colunas destinadas a temas palpitantes como o Rotary Clube ou a seita Seicho no ie. Mais do que isso, implantaram no jornal um tratamento bem-humorado da informação, através, por exemplo, do implacável “Toninho Malvadeza”, criação coletiva que dispara divertidas farpas à margem do noticiário. “Já estamos com 12 processos nas costas”, contabiliza Laranjeira com insopitável orgulho.

Empapada de ironia, a coluna diária de Brickmann, na primeira página, por enquanto não lhe trouxe aborrecimentos. E há quem ache, entre seus colegas, que o tempo adoçou o endiabrado Carlinhos. Mas a maioria ainda o vê emoldurado pela aura satânica que antigamente o circundava. “Ele sempre foi uma pessoa muito maldosa”, elogia um especialista na matéria, Murilo Felisberto, veterano comandante de redações atualmente desviado para a publicidade. No momento em que passou a aplicar essa maldade no jornalismo, diz Murilo, “Carlinhos se tornou um dos melhores profissionais de sua geração”.

Outros preferem destacar o ímpeto do repórter, sua capacidade, raríssima, de escrever bom jornalismo diretamente no telex, sem rascunho, ou de redigir um texto ao mesmo tempo em que conversa com o colega ao lado sobre assunto totalmente diverso. Mas sua imagem prevalente é a da maldade – essa maldade benigna e vagamente ingênua de garoto de high school americana.

Até algum tempo atrás, por exemplo, o pai de Rafael e Ester era dado a morder orelhas de jornalistas. Secretário da revista Visão nos anos 70, certa vez tomou no colo o diminuto editor de economia, que ia escapulindo antes da hora, e o depositou de volta em seu posto de trabalho. Editor de Internacional da Folha de S.Paulo antes dos 20 anos, divertia-se produzindo títulos que ninguém mais ousaria; um deles, até hoje lembrado: “Turquia incomodada envia pacote a Chipre”.

Em 1968, no Jornal da Tarde, quase foi preso por haver narrado a visita da presidente Costa e Silva ao Jockey Club de São Paulo, com rigorosa objetividade mas usando linguagem de turfe. Algo do tipo: “Na raia de grama, o presidente foi ultrapassado pelo ministro Andreazza”. “Carlinhos foi um dos primeiros a



Com uma de suas gatas, a Mel

desenvolver a técnica de esculhambar uma pessoa sem usar um adjetivo sequer, só transcrevendo o que ela diz”, credits João Vitor Strauss, secretário da sucursal paulista do Jornal do Brasil.

No Jornal da Tarde, Brickmann comandava trotes memoráveis sempre que algum colega se casava. Sua obra-prima, nesse particular, foi o esquema nupcial que armou para o repórter de polícia Percival de Souza. “A única concessão que ele fez, e assim mesmo porque eu implorei, foi não jogar pó-de-mico no pastor”, lembra o noivo, que à saída da igreja foi algemado e metido num camburão que Carlinhos providenciara. Anos mais tarde, no casamento do amigo, Percival se vingou em grande estilo, organizando um trote a que não faltaram uma revoada de urubus, banho de creme chantilly e um garoto que se dependurou no nubente, à porta da sinagoga, berrando “não me deixe, papai, não me abandone!”.

A irreverência de Brickmann acabou por obscurecer outro lado seu, o do amigo generoso e solidário. Só por tortuosos caminhos se veio a saber que ele, anos atrás, durante uma cobertura no exterior, não apenas

socorreu um colega de outro jornal que tivera recaída de alcoolismo, como também, sem o menor alarde, escreveu e enviou as reportagens que o companheiro estava impossibilitado de produzir.

Provocador irrecuperável, Brickmann deixou construir em torno de si a imagem de jurista que ainda hoje arrasta. Outro mal-entendido. “No tempo da ditadura, ele foi um dos caras que mais esconderam gente procurada pela repressão”, atesta outro repórter de polícia, Antonio Carlos Fon. O escritor Fernando Morais conta que em outubro de 1975, por ocasião da morte do jornalista Wladimir Herzog, estava sendo caçado pelo DOI-CODI – e recebeu de Carlinhos, para ele e a mulher, duas passagens e dois passaportes israelenses (que não chegou a usar). “Dessas coisas que você não esquece”, emociona-se Fernando. Um liberal? Brickmann gosta do rótulo. Sente-se próximo dos social-democratas, admira Fernando Henrique Cardoso, José Serra, José Richa. Os amigos preferem chamá-lo de conservador.

“É um reaçã”, fulmina um deles, João Vitor Strauss, para em seguida ajustar, sorridente:

“Um reaçã do bem”.

Um guerreiro do Bem

FERNANDO MITRE

Quando entrei, pela primeira vez, na redação onde estava nascendo o Jornal da Tarde, fui logo atraído para a mesa ocupada por um jovem gordo e sorridente, que disparava sua Olivetti num ritmo de metralhadora.

A cena me surpreendeu, não me lembrava de alguém numa redação escrevendo tão rápido e, ainda por cima, rindo e conversando, às vezes, com um colega ao lado.

Mas veio outra surpresa, logo depois, quando perguntei quem era aquele.

— É o Carlinhos Brickmann, respondeu o Murilo Felisberto, que recebia o nosso grupo de mineiros recém-chegados, e com quem eu conversava.

— É o Carlão Brickmann, brinquei.

Cada vez mais interessado no personagem, perguntei o que ele fazia. Mais uma surpresa.

— É o editor de política.

— Editor?... Que idade tem ele?

— 19 anos.

O personagem impressionava. E me encantei com ele. Em poucos dias eu já estava à vontade, me divertindo com suas brincadeiras e admirando seu talento.

Era agradável trabalhar com aquele menino chamado Carlinhos, que seria mais apropriado se chamasse Carlão, que escrevia textos brilhantes numa velocidade incrível e que, aos 19 anos, comandava uma editoria de Política.

Um personagem surpreendente.

E ótimo colega. Solidário e humano.

Ironia também não faltava, como comprovam tantos episódios. Estou me lembrando de um deles agora.

Numa das viagens de Costa e Silva a São Paulo, ele foi convidado pela direção do Jockey Clube para entregar medalhas num Grande Prêmio qualquer. E lá foi o repórter Carlos Brickmann, integrando o batalhão de jornalistas na cobertura do evento.

Terminada a corrida, o ditador e seus acompanhantes se dirigiram para a pista, onde os vencedores receberam as medalhas. Na volta das autoridades para a tribuna de honra, o Carlinhos deu o tom.

Não me esqueço da cena hilariante: era a descrição impagável de Costa e Silva voltando pela pista de grama, apertando o passo para chegar à tribuna, à frente dos outros, que vinham pela pista de areia. Venceu Costa e Silva, o mais veloz na pista dos cavalos.

Num tempo de intimidação da imprensa, olhos da ditadura em todo lugar, poucas e cuidadosas críticas ao governo, o Carlinhos provou, numa matéria de meia página, como o talento, a ironia, o humor e o sutileza, quando se juntam, podem se tornar uma arma corrosiva contra o poder e os poderosos. Mesmo sendo ditadores.

Carlinhos Brickmann, amigo e colega, era uma arma do bem. (Saudade!)

Solidário como poucos

RICARDO SETTI

Me dói no fundo da alma falar do Carlinhos no passado. Conheci esse gênio em 1966, quando trabalhava na sucursal do Estadão em Brasília e ele fez uma incursão na capital para uma reportagem. Desde lá, as histórias inacreditáveis que ele protagonizou seriam suficientes para um livro inteiro, talvez de dois volumes. Um gozador nato, que adorava fazer piada sobre todo mundo, começando por ele próprio, adorava aprontar surpresas em festas de amigos. No casamento de um colega do Jornal da Tarde, gerou tanta confusão que o padre que oficiara a cerimônia acabou caindo na piscina da casa onde ocorreu a festa.

Ao mesmo tempo, porém, era uma das pessoas mais solidárias que conheci na vida. Em tudo – na alegria, na dificuldade, na dor. Quando o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado no Doi-Codi de São Paulo, por exemplo, a repressão da ditadura passou a procurar outros jornalistas como “subversivos”, um deles o também escritor Fernando Moraes.

Carlinhos, supostamente uma pessoa “de direita”, arriscou seu pescoço e deu um jeito de obter, via comunidade judaica de São Paulo, à qual pertencia, passaportes israelenses e passagens São Paulo-Tel Aviv para Fernando e sua então mulher, Rúbia Maria, escaparem do terror. As consequências da morte de Herzog, contudo, foram de tal monta que o casal não precisou

recorrer a essa mão estendida. Lembro-me também, entre muitas passagens, de uma cobertura que foi fazer quando houve um golpe de Estado no Uruguai. Um colega de jornal concorrente ficou fora de combate por ter tomado um porre num dia crucial pós-golpe – e Carlinhos, penalizado, decidiu escrever toda uma extensa matéria no lugar dele para enviar a São Paulo, reservando informações mais exclusivas para o JT mas utilizando o jeito de escrever do companheiro.

Além de sua inteligência e talento, Carlinhos tinha uma memória privilegiada, espantosa. Era capaz de conversar uma hora com um político e, depois, publicar a entrevista sem errar uma vírgula. Como editor de Internacional do Jornal da Tarde, diante de um acontecimento importante, espalhava na mesa todo o material que lhe chegava por meio das agências internacionais e de correspondentes – não raro, uma enorme quantidade de informações –, lia tudo e depois, sem ter tomado uma nota sequer ou sublinhado alguma linha dos originais, começava a escrever como uma metralhadora o texto que iria ser publicado. Em minutos, liquidava tudo.

No fundo, Carlinhos, morto aos 77 anos por uma série de complicações que tornaram sua vida muito difícil nos últimos anos, era um menino, uma criança brincalhona, travessa e genial oculta num corpanzil. Você nos está deixando órfãos, Gordo. Descanse em paz.



Carlinhos e Bertha chegam para o casamento do Ricardo Setti, em 1972

Amigo de meio século

SHEILA LOBATO

Carlinhos eu te amo. E tudo o mais que disser será supérfluo. Mas... é preciso recordar suas melhores histórias, muitas, milhares. Ficarei com apenas uma, daquelas que provocam boas gargalhadas. Lá vai:

Ano 2005 e eu trabalhando com ele em sua assessoria de imprensa. Toca o telefone, Carlinhos atende e a voz feminina do outro da linha diz: quero falar com a Sheila Lobato. E ele pergunta quem quer falar com ela.

Resposta: Maria Inês. Pronto, começou o descarrilamento:

-- Ah, então é assim, sua vagabunda, liga pra ela e nem fala comigo? Tá pensando o quê?

Do outro lado da linha vem a reposta: O senhor deve estar enganado... aqui é Maria Inês, coordenadora do curso colegial da FAAP, preciso falar com a Sheila sobre sua filha Larissa.

Segundo o próprio Carlinhos, ele ficou

branco, mudo, sem ar, até conseguir pedir milhões de desculpas, explicar que se tratava de uma brincadeira com uma amiga querida do mesmo nome.

Tudo isso eu só soube depois de atender a ligação e ele, muito desenxabido, me contar a história. Cai na gargalhada e ele acabou me acompanhando.

Mas o Gordo tinha o outro lado, o doce, solidário, amigo, sempre pronto a ajudar e, discretamente (acreditem ele era discreto), capaz de pequenas delicadezas que demonstrassem o seu afeto. Um pequeno grande exemplo: na assessoria, todos os dias, no meio da manhã, havia um encontro em sua sala para um expresso com ele, Berta, Marli,

Kleber de Almeida, Silvio Valente e eu. No meu primeiro dia declinei do café, pois, por ordem médica e minha pressão arterial alta, só tomava café descafeinado. No dia seguinte compareci ao encontro só mesmo pra jogar conversa fora e, surpresa:

Berta preparava um super expresso Illy... descafeinado. Esse era o nosso Carlinhos.

Basta.

Caminho iluminado



MOISÉS RABINOICI

Enquanto a terra cobria o caixão do Carlinhos, perguntei ao rabino que rezava por ele, se havia algum significado morrer no início do Chanuká, a Festa das Luzes dos judeus.

“Sim”, ele respondeu. “Significa que o morto é um iluminado”. Carlinhos morreu no shabath que precedeu o Chanuká, dia 25 de Kislev pelo calendário hebraico, pôr do sol de domingo, quando foi enterrado.

Os Macabeus que derrotaram os Selêucidas na Palestina, no ano 165 a.C., quiseram comemorar a vitória acendendo o candelabro de oito braços - a Menorá, em hebraico. Só que encontraram pouco óleo de oliva puro, com o lacre do sumo sacerdote. Mas o usaram mesmo assim, e ele durou

oito dias e oito noites. Milagre! Desde então, acende-se uma vela por dia, até a oitava. A mensagem é que D-us permite que algo puro, por menor que seja, ilumine muito além do que seria o seu potencial. Em Israel, cada braço da Menorá homenageia alguém. Podemos consagrar a primeira vela do Chanuká, acesa neste domingo, ao Carlinhos.

O velório foi simples. Depois das orações, o rabino convidou à frente quem quisesse falar sobre o morto, e um sobrinho se apresentou, intercalando choro com palavras. Ele disse que o tio era sarcástico, irônico, bem-humorado, sempre honesto e verdadeiro, até duro se necessário, mas sem concessões.

Nossa Marli estava lá, cercada de gente agradecida por tudo que ela fez. Evelyn lamentava que nunca consegue escrever sobre pessoas queridas. Muita louvação no ar — e merecidas: “Que pessoa boa”, “Era brilhante”, “Conseguia



escrever ao mesmo tempo em que falava com alguém”, essas qualidades que todos conhecemos. O caixão foi levado por oito homens, e um deles reclamou: “Pensei que ele tivesse emagrecido”. Outro vestia uma bandeira corintiana, como a capa do super-homem. O amigo Gabriel Manzano contou por alto os jornalistas presentes, e comentou: “Dá para fazer uma reunião de pauta”. A cova para o Carlinhos foi aberta quase em frente ao monumento que lembra o holocausto nazista, à entrada do Cemitério Israelita do Butantã. Marcado para 14h30, o enterro começou uma hora antes. Já no velório comentava-se baixinho que a Argentina batia a França por 2 a 0, no primeiro tempo. Agora, a reviravolta, 2 a 2, surpreendia. Mas ninguém comentou abertamente a Copa do Mundo.

Para o Carlinhos, eu era Moishele, diminutivo em yiddish de Moises. E eu o chamava de Charles. Quando ele xingava alguém, o palavrão saía em yiddish também. Estivemos juntos em algumas celebrações judaicas, fora o dia a dia na redação do JT. Faz algum tempo, passamos a trocar por Whatsapp preciosas canções que nossos pais e avós cantavam na Polônia, Bessarábia e outros países do leste europeu. Muitas vezes, piadas de judeus. O detalhe é que não falo yiddish, embora fosse o dialeto dos meus pais em casa. Meu irmão aprendeu a falar só de ouvir. Carlinhos foi a primeira pessoa que vi quando entrei no JT. Ele estava conversando com Rolf Kuntz, ao lado do cercadinho das telefonistas na redação da rua Major Quedinho, 28. Reencontrei o Rolf no velório. E o Carlinhos, no caixão fechado, com a camiseta do Corinthians.

Ainda nos veremos

MELCHIADES CUNHA JUNIOR

Grande Little Charles Ernâni Brickman, que partiu com o saldo incrível de 59 anos dedicados à nossa profissão. Está tudo lá nos textos saídos no Estado – de autoria dos impecáveis Gabi e Rolf -- e na Folha, lembrando-nos e para a grande maioria de leitores revelando a enaltecendo a figura múltipla, que espero rever com alegria redobrada na Eternidade (deixo claro, é claro, que acredito na vida eterna, a ser desfrutada por quem, como você, a mereceu (e espero por mim também)...

Pois bem, Big Little Charles, além de seu texto admirável, de sua curiosidade nunca satisfeita sobre as coisas indispensáveis para o competente exercício

jornalístico, não posso deixar batido sua figura prestativa, amiga, por seu humor maravilhoso e, em especial, sua verve irônica, sua língua ferina, por vezes vitriólica, numa disputa pau a pau com o Fernando Portela, o nosso querido Satã e com o terceiro lugar ocupado pelo Humberto Werneck. A Rainha e o Japi (por nome inteiro Moacir Japiassu Lins), como hors concours. Eu, talvez, não possa me queixar das terríveis flechadas do trio. Talvez por mais velho, ou quem sabe pelo apelido de “Capitão”, inventado pelo Chico Buarque, nos tempos do Tuca e da peça Morte e Vida Severina (campeã mundial do Festival Mundial de Teatro Universitário, realizado em Nancy, França, em 1966, da qual participei como membro do coro e figurante do elenco.

Salve, salve, muitos vivas ao Carlos Ernâni Brickmann!!!



Carlinhos, Luciano Ornelas e Melchíades Cunha Júnior

Faltou você ver tudo isso, Carlinhos

LUIZ CARLOS RAMOS

Carlinhos, se você visse as lindas histórias que o Gabriel Manzano e o Rolf Kuntz contaram de você no “Estadão” de 19 de dezembro, reforçadas por elogios de tanta gente naquela página do jornal e nas mídias sociais...

Certamente, você faria um comentário com seu habitual bom humor, como, por exemplo, uma pergunta: “Tá bom, Obrigado. Mas quanto eu vou ter de pagar de jabá?”

Assim como tantos outros amigos, estou muito triste. E poderia também destacar o grande cara e o maravilhoso jornalista com quem tive a sorte de trabalhar nos bons tempos do

“Jornal da Tarde”.

Mas prefiro resumir tudo nas recordações de uma viagem que fizemos à Espanha para cobrir a Feira Internacional de Turismo de Madrid, em janeiro de 1988. Você pela “Folha da Tarde” e eu, pelo “Estadão”.

Foram 11 horas de voo de ida e mais 11 de volta, os dois lado a lado, somadas a cinco dias no mesmo hotel, às refeições e às idas ao evento. Conversamos muito, você contou histórias que foram verdadeiras lições. E ri bastante de cada momento em que prevalecia seu eterno lado bem-humorado.

Foi a minha melhor viagem à Europa.

Um abraço e, desde já, saudade, querido Carlinhos.

Karlinhos, com K

KASSIA CALDEIRA

O “meu” Karlinhos, com “K”, ganhou a identidade no dia em que, rindo muito, me contou que escreveu uma coluna inteira a respeito do então novo ministro do STF, Kássio Nunes Marques, com o nome no feminino, Kássia - no momento da indicação era apenas Kássio Nunes, depois virou ministro Nunes Marques. Só percebeu a mudança de gênero e identidade quando estava prestes a publicar a coluna. Seria um furdúncio.

O “meu” Karlinhos é provavelmente o de todos que o amamos, que é especial à sua maneira, para cada um de nós. O “Carlinhos Brickman” é uma lenda de há muito, muito tempo. Incrível jornalista, impecável empresário, amigo imprescindível. Nosso ponto de convergência foi o grupo do JT no WhatsApp, criado pelo Mário Lúcio Marinho. Foram muitas conversas por telefone e outras pessoais, pelo WhatsApp, ao longo dos três últimos anos. Já tinha sido chamada de várias coisas e formas, mas de “anja” só o “meu” Karlinhos. Também virei “kerida”, um jeito nosso de comunicar, particular e quase intransferível - porque algumas pessoas não entendem/entenderam. E ele virou “karíssimo” e nossas “beijokas”, nas despedidas eram com “k” - quando lembrávamos.

Que me lembre, o “meu” Karlinhos foi a única pessoa que, às vezes, escrevia: “alguém já te disse hoje que você é ótima?”



Sequer aceitava ser retrucado, respondia: “a verdade é assim tão agradável?”

Ou que dizia, quando eu anunciava uma viagem para Minas Gerais: “fale que eu gostava muito do irmão”, se referindo ao Klebinho de Almeida, meu amigo e um amigo diretíssimo do “meu” Karlinhos. A mensagem foi passada tempestivamente. Até pra identificar o médico em comum que frequentávamos havia uma forma peculiar: “nosso oculista”? Assim, o dr. Fred - para nós dois - o dr Frederico Sparapan Marques um dos maiores estudiosos, cirurgiões e especialista de sua área foi reduzido a “nosso oculista”. Foi um ano difícil. Perdemos o Décio, outro amigo do JT, mas tentamos de tudo. O “meu” Carlinhos me deu outro presente e me aproximou da Regina (Maria Regina), uma das inúmeras pessoas importantes de sua vida. Conversou com ela em Salvador e conseguimos folhas de graviola para o Decinho. Quando o perdemos, passamos dias na fossa. O “meu” Karlinhos tinha a síndrome do dedo gordo. Como ele dizia: “aperto teclinhas a mais no celular”.

São inúmeras as histórias com o “meu” Karlinhos. Ele é, há muito, uma lenda do jornalismo. Fez além do que esteve ao seu alcance pela profissão. A perda da Berta, da Marli, do Rafael e da Esther é enorme. Na proporção, a minha também.

O Gordo

NELSON MERLIN

Carlinhos fazia sucesso com sua coluna política no Diário do Grande ABC. O jornal tinha passado por uma profunda reforma bolada pelo Alexandre Polesi e seu pai, Fausto, que trouxe para o jornal Mino Carta e, o Alexandre, Carlos Brickmann. Fui para o jornal convidado pelos Polesi em outubro de 1998 e Carlinhos já escrevia há mais de ano lá.

Eu mal tinha sentado na cadeira quando tocou o telefone. Era ele. Fez uma festa e perguntou se tinha que mudar alguma coisa. Eu disse que de jeito nenhum, que continuasse na mesma linha, que fizesse de conta que o Polesi estava sentado ali. Os leitores gostavam do Mino quando escrevia sobre pratos da cozinha italiana. E sobre política, a preferência era pelo Carlinhos, disparado. Isso a direção sabia por pesquisas, não por achismo.

Os Polesi queriam um jornal plural e independente e colunistas que abordassem os temas mais fortes com inteligência e leveza. Era a praia do Carlinhos, que deitava e rolava. Mostrava os calos do PT sem arrogância, mas sem complacência. E assim como aplaudia o que estava certo, pisava nos calos quando era necessário, mas tudo com muita elegância, suavidade e humor, principalmente humor. Até os petistas gostavam. Nunca me fizeram reclamações. As únicas que surgiam eram contra o Mino, quando deixava de lado a rica culinária italiana – que no ABC, por sua própria origem, era preferência nacional.

No ano seguinte, as coisas



mudaram um pouco. Os acionistas Polesi e Doto entraram em rota de colisão, o que não era novidade, mas dessa vez os Doto tiveram o apoio do último e terceiro sócio, dono de 1% das ações e fiel da balança nas refregas societárias. Os Polesi se retiraram e os Doto me chamaram para conversar. Queriam que eu continuasse, mas queriam que eu fizesse economias e, entre outras, cortasse pela metade os pagamentos aos dois colunistas.

Com um pepino desses na mão, liguei para o Carlinhos. “Preciso cortar seu salário pela metade daqui até o fim do ano”, disse. Era junho ou julho. Expliquei que no ano seguinte eu restabeleceria o valor antigo. Ele topou na hora: “Melhor ficar com a metade do que sem nada. Manda brasa, tô no lucro”. O Mino parou e o Carlinhos continuou.

Quando chegou janeiro, cumpri a palavra. E ele me ligou ao receber o contracheque: “Grande Mago! Que maravilha! Você dobrou o meu salário!”, disse. E caímos na maior gargalhada. E ele dizia e repetia: “Mas eu tô falando sério!”

Assim era o Gordo.

Diminutivo só no nome

VERA VAIA

Carlinhos, no diminutivo, assim é que era chamado o grande Carlos Brickmann, o domador de palavras. Brincava com elas em textos brilhantes, assim como brincava com a vida. Nos conhecemos quando eu era ainda meninota e ele um menino alguns anos mais velho que eu. Brickmann fazia parte do time mais descontraído e mais profissional que uma redação de jornal poderia ter. Essa era a turma do Jornal da Tarde, que reuniu uma moçada ávida para mostrar que o jornalismo pode ser, sim, uma mistura de informação verdadeira com leveza de espírito mesmo quando a notícia é ruim. Naquela época eu fazia cursinho no Objetivo e quando não tinha aula o dia todo ia pra redação do JT na Major Quedinho, 28, esperar pelo Sandro (Sandro Vaia). Quando não ia ao cinema com meu outro amigo que partiu muito cedo, o Flávio Márcio, ia pra mesa do Carlinhos pra gente disputar arremesso de bolinhas de papel ao lixo ou para competir com as piadas infames sobre qualquer assunto que nos vinha à cabeça. Carlinhos era um aprontador. No meu casamento com o Sandro levou, como todos, arroz pra jogar na noiva, como mandava o figurino. Mas pra ele, jogar um punhado de arroz era pouco, então preferiu despejar o pacote inteiro dentro do meu vestido. E por essas e mais outras, a cerimônia de seu casamento com a Berta foi marcada por várias aprontadas de amigos que já tinham passado por algum perrengue em suas mãos. Uma delas, me lembro bem, foi o

espanto das senhoras distintas, em roupas de gala, subindo as escadas da Sinagoga “espoucando”. Pouco antes da cerimônia, os amigos espalharam traques na escadaria que explodiam assim que tocados pelos pés dos convidados. Depois do Jornal da Tarde o contato foi ficando menor, mas a amizade e o carinho um pelo outro continuaram. Quando estava vivendo o pior momento da minha vida com o Sandro internado no Hospital Nove de Julho, aproveitei o espaço entre a visita da manhã e a da tarde na UTI para ir ver o Carlinhos no Sírío-Libanês, ali pertinho de onde eu estava. Encontrei-o sentado, almoçando. Não podia andar porque tinha sofrido uma queda inexplicável da cadeira e os médicos procuravam por algum problema neurológico que pudesse justificar o tombo. Mas, apesar de não estar andando, ele não aparentava sequelas de algum eventual acidente vascular ou coisa assim. Continuava o piadista de sempre, apesar das circunstâncias. Depois disso, só no encontramos ao vivo mais uma vez num almoço da turma do JT. A gente trocava mensagens, via WhatsApp, mas ultimamente elas estavam rareando. Porém, quando nos falávamos, parecia que estávamos continuando uma conversa ocorrida no dia anterior. Era sempre bom falar com ele. Era sempre divertido estar com ele. Quem conviveu com Carlinhos sabe o tamanho da falta que vai fazer por aqui.

Grande Carlinhos!

O encantador Carlinhos

PERCIVAL DE SOUZA

Os amigos queridos não morrem, ficam encantados. Alguém já disse isso. Verdade. Carlinhos nos traduziu Descartes: escrevo, logo existo.

Assim existimos, fizemos o JT. Então, Carlinhos, não mais entre nós, admitamos: inesquecível, ficou encantado. Fechou os olhos por aqui. Nossas preces o acompanharam. Mas Carlinhos mantém os dois olhos bem abertos numa outra cósmica dimensão. Deixa-nos, porém, um rastro luminoso como lembrança de competência profissional, amizade, ternura, alegria, afeto, carinho com novatos e experientes. Precisamos, a turma do velho JT, costurar uma colcha imensa, feita por muitos retalhos, um a um, da saudade.

Muito se diz, muito se disse, sobre Carlinhos. Eu preferia chamá-lo de “Carlota” e ele somente se referia a mim como “Tira”. Carlinhos encantado: nos anos de chumbo, fazia muitas coisas na redação, entre elas azucrinar a vida dos focas e fazer teatro como se fosse um antiesquerdista extremado, à la Nelson Rodrigues e seus padres da passeata e as freiras de minissaia. Por outro lado, Reinaldo Lobo, convicto entusiasmado até com Mao Tse Tung, subia numa mesa e, com o “Livro Vermelho” nas mãos, lia lentamente os mandamentos para justificar a existência da “revolução cultural”, cercado para protegê-lo por uma “Guarda Vermelha”, a polícia do pensamento de então. Reinaldo

discursava e Carlinhos arremessa contra ele latas de lixo e bolas de papel. Urros pró e contra eram ouvidos pela redação.

Carlinhos sempre presente, até mesmo nas vidas pessoais. Ele era, por exemplo, o terror nos casamentos da turma. Eu fui uma de suas “vítimas”. À porta da Igreja, fui sequestrado por policiais que me algemaram e colocaram dentro de um camburão, viatura branca e preta com as sirenes abertas e tiros para o alto, saindo na contramão. Tudo obra a graça coordenadas por Carlinhos.

Minha mãe ficou indignada ao ouvir alguém passar e comentar: “coitado do rapaz, saiu da cadeia para se casar”. Na recepção, o terror casamenteiro colocou bolinhas de tranquilizantes na minha bebida, deixando-me grogue (fiquei intoxicado) durante a lua de mel.

Planejei cuidadosamente a minha vingança. No dia do casamento dele, fui com Randáu Marques e Luís Fernando (“Paquinha”) a um depósito de lixo e lá capturamos três urubus, que seriam levados para a porta da Congregação Israelita, onde Carlinhos se casou. Os bichos foram empinados, para ira profunda do indignado rabino da cerimônia. À saída, as escadas estavam repletas de traques juninos, que explodiam, barulho e fumaça, à medida que as pessoas passavam, para desespero das mulheres com vestido longo. Carlinhos imaginou que ficaria imune aos ataques tendo Ruy Mesquita como padrinho. Mas Ruy, vendo tudo aquilo, saiu de fininho, pela lateral, enquanto Carlinhos e a noiva entravam numa Mercedes branca sob uma

chuva de ovos e feijão no lugar de arroz. Sob o carro, vidros atingidos pela gema dos ovos, muitas latinhas amarradas. Quando o carro saiu, fizeram um barulho horrível.

Mas o inacreditável aconteceria às 6 horas da manhã seguinte: fui despertado por telefonema do Carlinhos, me desejando bom dia. Sonolento, perguntei: “que tal foi ontem?” E ele: “razoável, razoável”.

Carlinhos era assim, irônico e carinhoso por dentro, imprevisível por fora. Mas sempre exalando o suave perfume da melhor e sincera amizade. O artífice do apelido “Kafa”, de cafajeste mesmo, foi atribuído por ele a Inajar de Souza, assim como os de muitos outros. Sacanagens eram com ele mesmo, tão bem executadas quanto seus esmerados textos.

Carlinhos nos deixa um precioso legado. Agradável, memorável, maravilhoso de ser lembrado. Sua memória permanecerá conosco. Sempre, como diria Mario Marinho para nossa turma do JT.

O primeiro Encontro

TEREZA MONTERO

1. Tinha um diploma e um emprego. Era dezembro de 1965.

Ligo para minha mãe na Argentina - as férias de verão eram sempre lá na fazenda de minha avó. Vou trabalhar no Jornal da Tarde começo amanhã! “O que você vai fazer lá se até do telefone você tem medo!?” Era verdade. Quem sabe eu ia ficar atendendo telefone...

2. De saia e salto - como se deve - abri devagar a porta da redação. Uma balbúrdia me assaltou, vozes, risos, gritos, passos, máquinas de escrever... dou um passo à frente e encontro o silêncio.

3. Como no jogo das estátuas, tudo parou. Ao lado da porta um rapaz da minha idade finge que não me vê... onde encontro o Laerte, pergunto timidamente

Com um gesto vago ele diz ...lá no fundo. Suando frio atravesso a redação. Me senti como manequim estreando na passarela com o sapato errado.

E pergunto de novo... Laerte? Ah! É aquele ali atrás do Carlinhos, perto da porta.

4. Meia volta volver... como se nada. Soube ali que Carlinhos seria para sempre meu amigo secreto. Que descanse na merecida e santa paz.



Valéria Wally, Carlinhos, Bia Banden e a Marli Sempre

Terá sido o Mancha?

BIA BANSEN

O meu querido Gordo, assim como todas as meninas, repito: a vida dos jornalistas não será a mesma. Como sobreviver sem as suas brincadeiras (as vezes um pouco brutas: Perci sabe contar, mas ele também se vingou).

Sempre generoso em especial com os focas, (sempre salvava as meninas focas de alguma tentativa dos marmanjos de buscar uma calandra no Diário Popular (uns dois quilómetros da redação da Major Quedinho).

A tal " calandra" era uma máquina enorme fixa nas gráficas.

Com os meninos ele se divertia, mas jamais fez alguma " maldade" com os pobres focas.

Rápido no gatilho para criar apelidos, bordões e gozações. E raramente gargalhava: dizia a ironia e só dava um sorriso maroto...esperando a reação dos outros. Lá se vai o nosso Carlinhos, poucos meses depois de um dos seus melhores amigos o Decinho. Só posso desejar uma boa viagem e um bom reencontro com o Decinho (Decio Pedroso).

Eu juro que todos os palavrões aprendi com ele. E explicadinho se havia um novo. Muito instrutivo.

E mais: acredito piamente que o Carlinhos era o Mancha – aquele ser misterioso que atacava na redação do JT - mas em dupla. Aquele desenho não saía da mão dele.



Berta, a invisível.

Sem ela o Carlinhos nem ao menos achava as cuecas no armário.

A vida do casal era bem rotineira. Berta acordava meia hora mais cedo para tomar banho e arrumar a roupa que o Carlinhos deveria usar naquele dia. Só ela que tinha a agenda detalhada do Carlinhos. Sabia se ia viajar naquele dia, se iria para um lugar muito quente *, se precisava de terno e acessórios * colocava inclusive os impecáveis lenços nos bolsos do paletó...

Em viagens preparava a malinha do Carlinhos com detalhes miniaturistas, tudo cabia.

Não esquecia a loção de barba e o desodorante bem cheirosos e seus remedinhos...

O Carlinhos a chamava carinhosamente de benzinho. Ela que fazia o cafezinho exigente do Carlinhos (ultimamente cafeteira Illy) e morria de vergonha com as barbaridades propositais ou não que o nosso Gordo aprontava.

Nos 50 anos de casamento completados agora em dezembro poucas vezes assisti uma mulher tão frágil, mas, com tanta força para apoiar e suportar a energia de um MAMUTE DE JORNALISMO, o nosso Carlinhos.

Sem a Bertinha o Carlinhos não seria o nosso Carlinhos.

Viva e Berta, nós te amamos.

Beijos gerais.

Plural

MARLI GONÇALVES

O legado de alguém é o que fica registrado. Temos sorte em preservar os escritos do jornalista Carlos Brickmann, que partiu dia 17, aos 78 anos, 59 de profissão. No Grupo Folha, onde chegou aos 19 anos, foi e voltou três vezes, e em todos os principais veículos de comunicação do país, jornais, revistas, tevês, rádios, sites. Seu Frias, Octavio Frias de Oliveira, sempre foi referência usual sua. Autodidata, leitor voraz, cuidadoso com a verdade, visão pluralista, bom amigo, colegas que há dias enchem as redes sociais de histórias deliciosas sobre esse convívio. As mãos suadas que secava nas laudas, a capacidade de escrever enquanto o mundo caía ao seu lado e sem olhar para o teclado. Textos enxutos, precisos, vocabulário impecável. Dono de um humor politicamente incorreto, onde se incluía como gordo, feio, judeu e o que mais pudesse, e que nunca vimos – por ser puro – nenhuma mulher, negro, deficiente ou gay se doer. Ao contrário, risadas eram sempre ouvidas, dos próprios.

Ensinou muitos. Deu a mão a outros tantos, solidário. Confiou e empurrou para a frente jovens talentos que sabia reconhecer – muitos destes alçaram voos seguros para a fama, essa senhora egoísta a qual ele mesmo, Carlinhos, como era chamado esse desajeitado de mais de cem quilos, quase dois metros de altura, nunca deu bola. Mauricio de Sousa, com quem trabalhou na Folha da Tarde deu ao simpático elefante de suas histórias que começavam a fazer sucesso o seu nome do meio: Ernani.

Carlinhos gostava disso. Era pura memória, aliás, de elefante mesmo, como se diz. Pura história. Aliás, fatos incontáveis, vividos por ele, e os da História mesmo, geral. Seu conhecimento era acima do normal dos fatos nacionais e internacionais. Da política desta nação que vive em círculos, de momentos históricos, das guerras, em particular da Segunda Grande Guerra, que levou seu povo ao extermínio do Holocausto. Tinha horror a guerras e armas. Mas, guerreiro, defendia sua gente onde e como pudesse, chamando para o debate, que sempre ganharia com Inteligência aguçada e argumentos imbatíveis, qualquer um que destratasse de alguma forma o povo judeu, fosse quem fosse. Judeu engraçado esse que não seguia nenhum rito, adorava uma boa costelinha, um torresminho.

Um grande cidadão em todos os sentidos. Além do jornalismo, sua trincheira. Corintiano roxo, democrata, adepto da liberdade de imprensa acima de tudo, contra a censura, contra ditadores de qualquer bandeira. Cutucou poderosos, enfrentou generais na ditadura, buscou justiça pelo primo Chael Schreier, assassinado torturado, despistou policiais e protegeu perseguidos políticos. Foi ainda um dos primeiros homens a desmistificar a adoção de crianças, agindo como divulgador da ação e anjo de muitas delas, que acompanhou à distância ver crescerem. Seus dois filhos são adotados. Amava os gatos que mantinha em casa e no escritório. Relaxava fazendo cosquinhas neles. Amigo há 45 anos, com quem tive o prazer de trabalhar e aprender por 30, fico feliz em contar mais dele. Meu Natal ficou menos triste.

Marli Gonçalves, 64, jornalista. Sócia e diretora do Chumbo Gordo (www.chumbogordo.com.br), o espaço livre para o pensamento e conhecimento, por ele idealizado.

O apelido

PATRÍCIO BENTES “PURU” (ALL TV)

Imagine a cena que se passa na redação do “Jornal da Tarde” no final dos anos 60.

Um foca (codinome que se dá a um novato em redações) no meio de profissionais consagrados receber um apelido que colou: “PURU”, “filho” do jornalista Ulysses Alves de Souza, também da redação do vespertino da família Mesquita.

O autor da proeza o jornalista paulista Carlos Brickmann. A “vítima”: o gaúcho-carioca Patricio Bentes.

O homenzarrão, alto, ferino, gordo, de sorriso debochado, temido por políticos, nunca deixou de participar da minha história jornalística e pessoal. A Rede Bandeirantes da família Saad foi o palco de nosso novo encontro.

Desta vez no programa “Encontro com a Imprensa”, ocasião em que como diretor de redação da sucursal paulista do jornal carioca “O Globo”, em companhia do jornalista Clóvis Rossi, da “Folha de S. Paulo”, participei da primeira entrevista em TV do político Leonel de Moura Brizola ao voltar do exílio.

Outra redação, de um jornal da família Frias, a “Folha da Tarde” permitiu que revesse Carlinhos, Adilson Laranjeira e Hélio Armond.

Minha obrigação profissional era analisar os fatos da política nacional, mas o momento mais gratificante era na manhã seguinte, quando líamos no mural as monstruosidades gramaticais, de estilo e informação produzidas na véspera por toda a redação destrinchadas por Carlinhos com sua verve e seu lápis vermelho.

Em sequência, a política nos colocou lado a lado na campanha de Paulo Maluf à prefeitura de S. Paulo.

Eu como um dos membros do grupo que formulava o Plano de Governo, escrevia artigos para a imprensa como ghost-writer do candidato, gerenciado por Duda Mendonça, e Carlinhos como responsável pelas relações com a imprensa.

Com a fundação de sua empresa (Brickmann & Associados Comunicação) numa vila no Paraíso passamos a nos ver e conversar sobre política, trocar informações e rir de suas histórias dos bastidores de figuras públicas brasileiras de todas as tendências políticas.

Sempre com humor e a maledicência de uma mente privilegiada com o DNA do amigo que deixa saudade.

O mentiroso

LUIZ FERNANDO PAQUINHA

Carlos Brickmann,

Que mentiroso você sempre foi!

Achou que nos assustava com o que? A sua inteligência? As suas ironias que provocavam risadas até nas suas vítimas? A sua embaraçosa rapidez em produzir um texto?

Você queria nos despistar, né?

Agora sentado alegremente ao lado do seu criador, sem ter sequer que limpar o suor da testa (deixe os anjos fazer isso), você ouviu dele:

“Que ilusão, Carlinhos, achar que a inteligência, a ironia, a competência, eram suficientes... não, não eram. O seu coração, correto, enorme, nada era capaz de esconder. E, caro jornalista, entenda. Todos os que agora sentem tanto a tua falta, sabiam disso desde o primeiro momento em que te conheceram”.

Gordice de bondade

OSVALDO MARICATO

Nem sei nem como falar... a gordice desse amigo era do tamanho do coração dele. Bem-humorado e tirador de sarro de um jeito sem maldade, como só ele sabia tirar comigo.

Eu o conhecia desde os tempos do Jornal do Brasil, quando a sucursal era na Barão de Itapetininga e eu trabalhava como fotógrafo. Sempre fui e ainda sou fora dos padrões e isso era motivo para ele fazer as gozações com esse meu jeito de ser.

Por motivos pessoais eu vim morar no interior e, através de uma amiga nossa voltei a me comunicar com ele. Sempre me cobrava uma visita e eu sempre me programava, mas nunca conseguia ir. Sempre generoso, ele me permitiu usar o site Chumbo Gordo em um jornal virtual que eu colaborava aqui no interior.

Quando ele teve a primeira internação enviava diariamente para ele minhas orações. Ele sempre me atualizava com publicações de livros, jornais e revistas, músicas, além de fotos de antigos amigos.

Fiquei profundamente triste por essa separação; mas a forma que eu imagino a vida é totalmente natural. O meu corpo é a cadeia da minha alma e do meu espírito. Aprendo a conviver e cuidar do que é preciso e costume dizer que faço aquilo para o qual fui criado. Um dia saímos dessa prisão lapidados. Acredito que aí somos a parte da beleza do universo. Aprendi muito com o Carlinhos Brickmann.

Você está vivo na minha memória!

Um Gordo travesso

SÉRGIO RONDINO

Meu querido amigo Carlinhos Brickmann era um homem bom. Ponto. E um jornalista brilhante. Ponto. Dito isso, posso dizer com bom humor que também as travessuras e a língua afiada fazem parte de sua biografia. Divertia-se sem maldade com as brincadeiras que vivia “aprontando” e as piadas que vivia espalhando. Por isso, em vez de escrever sobre minha imensa tristeza por sua morte, prefiro lembrar seu lado alegre e contar esta historinha sobre mais uma de suas travessuras. A vítima, no caso, fui eu – e me divirto sempre que me lembro dela. Vamos nessa. Lá pelo final de 1967, apesar de ter aprendido muita coisa como foca da reportagem geral do JT, eu ainda não passava de um foca quando fui transferido para a editoria de Política e Economia. Para minha sorte, tive lá como chefes, amigos e pacientes professores o Carlinhos Brickmann, o Rolf Kuntz e o Bill Duncan. Num certo dia, estava em São Paulo um figurão – não lembro mais se era Nelson Rockefeller, em missão do

governo americano pela América Latina, ou Carlos Lacerda iniciando périplo paulista de uma certa Frente Ampla que o unia a JK e Jango contra a ditadura - não importa. O fato é que o sujeito estava hospedado no Hotel Jaraguá, mesmo prédio da velha sede do Estadão/JT, na rua Major Quedinho, 28. Por garantia ou excesso de zelo, a chefia decidiu que Carlinhos e eu, pelo JT, e Ricardo Kotscho pelo Estadão, deveríamos nos hospedar no mesmo hotel – garantia de que seguiríamos de perto os passos do tal figurão.

E aí veio a sacanagem do Carlinhos, realizada com a ajuda do Kotscho e do fotógrafo (seria o Sidney Corralo? O Wakamoto? Não lembro mais...). Manhã do dia seguinte, bem cedo, lá estou eu, o foca Serginho (ainda não havia o “Serron”, apelido inventado tempos depois pelo Gilberto Mansur) dormindo pesado, de barriga pra cima – detalhe importante, he, he... Eis que, de repente, algo enorme, pesado, desabou sobre mim. Susto total. Meio sufocado, abri os olhos e lá estava a cara grande do Carlinhos, gargalhando enquanto o fotógrafo registrava. Na porta, Kotscho rachando de rir: “Temos o flagrante!”.

Foca ou não, tenho certeza de que “filhos da puta” foi o xingamento mais ameno que encontrei. E os três saíram correndo, rindo da vítima do trote.

Carlinhos se divertiu me enchendo o saco durante meses com aquilo, ameaçando divulgar a foto pela redação – coisa que não fez. Talvez por pena do jovem amigo, ou porque o falso flagrante falhou. Um dia o fotógrafo - boa alma - me deu o negativo e o “contato” das fotos (lembram?) e verifiquei que só se via o gordão sobre alguém do qual apenas se percebiam os braços e as pernas – lagartixa esmagada, não identificável.

Fragrante fajuto, pois. E rimos muito disso.

Travessuras à parte, Carlinhos foi um mestre para mim, um amigo inesquecível. Há algum tempo, já depois da criação do nosso grupo de Whatsapp, sugeri ao Mário Marinho que deveríamos gravar em vídeo uma conversa com o Carlinhos. Para ouvir as tantas e boas histórias de sua memória prodigiosa. Eu gravaria e depois editaria, no que poderia ser o primeiro vídeo-depoimento do JT Sempre. Boa ideia, disse o Marinho. Mas não fizemos. Agora que o gordo travesso se foi, ficamos nós todos apenas com nossas próprias lembranças desse gigante do jornalismo.

Uma pena.



Carlinhos chegando no céu

REGINA HELENA PAIVA RAMOS

Na porta do céu, andando de uma nuvem para outra, quem o esperava? Ewaldo Dantas Ferreira.

- Pô, Carlinhos, você demorou!

Carlinhos, sonolento ainda, largando o andador que o acompanhou ultimamente e não seria mais necessário:

- Arre, Ewaldo, você queria que eu viesse mais cedo?

Ewaldo, sem prestar muita atenção, já com planos na cabeça.

- Não, claro! Mas é que você estava na UTI há um tempão!

- Queria que eu morresse só para vir encontrar você?

- Não! Claro que não! É que estou com um plano. Tenho conversado com D. Paulo Evaristo e a

intenção dele é que eu edite um jornal aqui, tipo "O São Paulo", lembra? E queria você como articulista. O jornal vai se chamar "O São Paulo no Céu".

- Estou cansado, Ewaldo, acabei de morrer! E você quer que eu, judeu, trabalhe, de novo, em jornal católico? Não chega aquela vez?

- Aqui não tem essa de religião, Carlinhos, aqui somos todos de uma única panela...

Carlinhos, ainda sonolento, querendo uma cama para descansar:

- Me deixa, Ewaldo! Conheço bem suas panelas. Não quero trabalhar... Vou aposentar, agora de fato.

- Imagina! Você aposentado! Quando chegam aqui todos dizem isso, O João Victor falou a mesma coisa, agora já está entusiasmado em participar de "O São Paulo no Céu".

Chega João Victor, que dormitava

em uma nuvem próxima, segurando os fios da sobancelha, agora brancas. Dá um abraço apertado no amigo recém chegado.

Ewaldo, novamente entusiasmado com a chegada do Carlinhos.

- Estamos montando a redação.

Já temos o João, eu, você, o Decinho, o Quartim. O problema é a secretaria. A Regina ficou lá embaixo...

Carlinhos, em defesa da amiga ausente:

- Está agourando a Regina? Deixa ela lá em baixo, ela não quer saber de morrer, não!

Ewaldo: - Não estou agourando, mas é que ela secretariava o jornal, quem a gente coloca na secretaria?

Carlinhos diz que não sabe e não quer saber, quer urgentemente encontrar uma cama para descansar.

Ewaldo o acompanha a uma nuvem macia, cobre o recém-chegado com fiapos de outra, senta na cabeceira (nuvem tem cabeceira?) e diz que teve uma ideia.

- Claro! A Jacyra Octaviano! Ela é muito organizada e já editou jornais e revistas.

Ewaldo se levanta e seu grito ecoa por todo o céu.

- Jacyra? Cadê você?

Jacyra Octaviano sai de traz de um lindo raio de luz.

- Quem me chama? (Os dedinhos empinados, como sempre, tortinhos, ela não deixou os modos de sempre). Sabendo do porquê tinha sido chamada, aos gritos roucos do Ewaldo, responde logo.

- Se quero secretariar o jornal

do D. Paulo? Mas claro, já estou cansada de não fazer nada!

Quando começamos?

João Victor confabula com Decinho Pedroso sobre o pretendido jornal. “O São Paulo” de D. Paulo era um jornal de oposição, metia a lenha na ditadura, os censores sentavam na redação e liam tudo, cortavam o que não gostavam, já no céu não há ditadura e nem censura, o jornal correrá o risco de não ter assunto.

Quartim de Moraes opina que poderá ser um jornal de grandes temas. Poderia tratar da vida de Santos muito desconhecidos como São Tomas More e São João Fisher, por exemplo.

Como ninguém soubesse de quem se tratava Quartim explicou logo que foram santos ingleses de alto valor literário e que tinham se oposto ao divorcio de Henrique VIII que desejava se casar com Ana Bolena. Foram decapitados por causa disso.

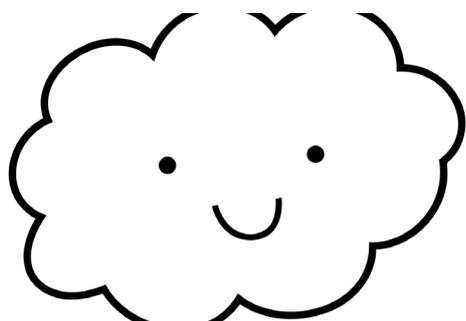
Ewaldo achou a ideia ótima e Quartim continuou falando dos santos desconhecidos

- Tem São Paulino de Nola, também.

Meio surdo, Ewaldo protestou:

- Paulinho da Viola? Esse nem é santo e nem morreu. É um ótimo músico!

Quartim corrigiu, São Paulino de



Nola nasceu em 355, na França, foi bispo de Nola, na Itália.

Carlinhos continuava cansado e sem vontade de participar de um jornal no céu. Aquilo só podia, mesmo, ser ideia de Ewaldo.

Mas quem diz que Ewaldo desistia. Agitou-se dizendo que precisavam de fotógrafos. Conhecia dois que deviam estar por ali, tinham trabalhado no Estadão, na Gazeta, na Manchete. E mandou dois anjos que passavam, distraídos, jogando bola, que fossem em busca de Bento Lensi e de Sérgio Jorge. Elétrico como sempre, perguntou se Quartim toparia escrever críticas de teatro, ao que Quartim aceitou. E crítica de música?

Carlinhos, já um pouco entusiasmado, lembrou que Cláudio Petraglia também estava por ali, que tal chama-lo? Ewaldo exultou! Ideia perfeita!

Claudio estava tocando harpa para diversas anjas perdidamente apaixonadas por ele e aceitou a incumbência, desde que as anjas tivessem algo pra fazer no jornal.

- Podem tratar da distribuição, decidiu Ewaldo.

Decinho lembrou, oportunamente: não faltariam jornalistas, repórteres, redatores, articulistas. Pelas contas da Federação dos Jornalistas mais de 300 tinham morrido de covid. nos dois últimos anos.

Ficou decidido lançarem o jornal no dia de Natal. E Carlinhos, finalmente, aceitou ser responsável por coluna em que criticaria o parlamento celestial, os governantes das cirrus, cúmulos e stratus, ironizaria a anjarada que ficava sem fazer nada.

Carlinhos e o brinco na o

TEODORE GOTTFRIED MEISSNER

Vivemos uma era extremamente careta, no mundo todo. Considero um desaforo pessoal ter que conviver com essa gente careta e covarde, depois da revolução dos costumes que fizemos (a minha geração e as imediatamente próximas) nos anos 60 e 70.

Vi diversos posts por aqui criticando as dancinhas dos brasileiros, os cabelos oxigenados/descoloridos de alguns jogadores, seus brincos etc. Alegria é a prova dos nove, já ensinava o poeta há um século. Também não gosto das tatuagens de Neymar, Messi, Richarlison etc. Mas tenho discernimento suficiente para saber que é uma decisão individual e que tem quem goste. E que isso em nada interfere na qualidade do seu futebol (o dos dois primeiro, jogado no mais alto nível possível).

Mas esta história dos brincos me lembrou um acontecido com Carlinhos, Carlos Brickmann, que teve a desfaçatez de nos deixar no último sábado.

Muitas e sempre insuficientes elegias se fizeram aqui aos seus múltiplos talentos. Assino embaixo de todos. Aqui vou lembrar uma dessas suas facetas, a do humor sempre pronto e letal.

Conheci Carlinhos quando eu já tinha mais de 10 anos de profissão. Vagamos por diferentes redações e nos encontramos na Folha, nos anos 1980. Quase de imediato viramos amigos de infância. Ele gostava muito de me usar como “escada” para suas

tiradas.

Naquela época, o velho Frias estava iniciando o processo de transferência de responsabilidades para seus filhos e nomeou Otávio como diretor de redação da Folha. Este imediatamente contratou e nomeou para posições de chefia vários jovens jornalistas de quem nunca alguém ouvira falar. Foram imediatamente apelidados de Menudos, uma banda teen que fazia muito sucesso. Estavam dispostos a comprovar que o jornalismo brasileiro, quiçá mundial, se dividiria em antes e depois deles. Deu o que deu.

Todo dia tínhamos uma reunião



orelha (para homens!)

de pauta no final da manhã, 11 horas, da qual participava o que o velho Frias chamava de “núcleo dirigente da redação” (diretor de redação, secretário de redação, chefe de reportagem, editores, repórteres especiais etc.).

Um dia, entra atrasado na reunião um dos Menudos (não vou citar nomes), com um brinquinho de brilhante na orelha. Era um tempo em que homens não usavam brincos. Que eu me lembre, só o Jô Soares. E Carlinhos, com aquela sua cara de pastel que ele fazia como ninguém, imediatamente tascou:

- Belo brinco, Fulano.

- Você gostou?

E, sem saber com quem estava lidando, começou a descrever o brinco, feito com o metal X, bom condutor de energia, e que ficava na posição em que ficava porque lá ele atravessava o meridiano Y, o que facilitava fluxo de energia positiva etc. etc. E o Carlinhos dando corda, encompridando a conversa, arte na qual ele também era mestre, para desespero do Otávio, que fazia pose de intelectual que só cuidava de problemas sérios.

Aí o Carlinhos vira para mim e eu penso: é agora! Era.

- Ô, Teo. Se um dia você me vir de brinco, não será por nenhum desses nobres motivos que o Fulano citou. Será porque eu decidi dar mesmo.

Foi a única vez que vi os lábios do Otávio fazerem um movimento que, com boa vontade, se poderia chamar de sorriso.

A Arte da competição solidária

ROLF KUNTZ

Carlinhos Brickmann apareceu na redação da Folha de São Paulo com menos de 18 anos. Contratado, em pouco tempo passou a cuidar, quase sozinho, da seção internacional, selecionando o noticiário, preparando o texto final de cada matéria e definindo como seriam as páginas. Logo exibiu um talento incomum para textos bem elaborados, enxutos e divertidos, às vezes temperados com um humor negro nem sempre conveniente, mas valorizado naquela redação. Cobertura e edição eram atividades complicadas. A ditadura militar, instalada em 1964, impunha censura, recolhia jornais das bancas. O Estadão e o JT passaram a conviver com a presença de censores. Escrever textos elaborados para furar esse controle era um desafio e uma diversão. Carlinhos se empenhou tanto nessa tarefa quanto na produção de notícias indesejáveis aos ocupantes do poder.

Ele mostrou, também, que um repórter competitivo pode ser solidário com os colegas. Foi o que aconteceu na cobertura de uma eleição presidencial num país sul-americano. Durante a cobertura, um colega de outro jornal, com graves problemas pessoais, foi incapaz de realizar seu trabalho. Carlinhos passou a produzir duas coberturas. Além de escrever a sua, redigia uma segunda, assinada com o nome desse colega, e a transmitia ao jornal concorrente. Outro companheiro, testemunha dessa história, contou-a discretamente mas o assunto permaneceu escondido.

Carlinhos, aparentemente, nunca soube da indiscrição.



*Bons tempos, bons amigos para sempre, meu Gordo querido.
Você me ajudou e entender os piores dias de minha vida.
Agradeço muito esta doçura e essa deleicadeza que recebi de Você
naquelas noites tristes que, aos poucos,
foram ganhando contornos coloridos e alegre.
Você me alegrou na minha tristeza. E agorz?
Agora não tem mais ninguém...
Vá em Paz meu Gordo amado.
A gente vai continuar juntos.*

Evelyn Schulke